

 IMPRIMIR
  FECHAR


# A travessia do governo analógico para o digital

Ao assumir o Palácio Anchieta na última quinta-feira, e já na sexta distribuir à equipe uma extensa lista de obrigações, o governador Paulo Hartung deu a entender que não admitirá letargia nesta nova experiência de governo.

Se por um lado o discurso financeiro é de freio de arrumação e austeridade total, de outro o peemedebista parece querer fugir da imagem de paralisia. Nesse sentido, é possível apostar que paira na cabeça de PH que a tecnologia pode ser a saída para equilibrar as medidas internas com a percepção externa da gestão.

Não chega a ser uma reinvenção da roda. Na campanha eleitoral, Hartung mencionou, por diversas vezes, chavões como “sociedade do saber” e “sociedade do conhecimento” para referir-se à necessidade de diálogo eficaz com a população. Mas há que se citar que o próprio governador só entrou nas redes sociais com a campanha já em curso, e esta nunca foi sua área mais forte.

Ao falar para os secretários, Hartung foi claro: “O governo não pode estar alheio à voz das ruas ou às mensagens das redes”. Internamente, o novo grupo palaciano já trabalha com o mantra de que, de agora em diante, nada pode ser como

## ENTREVISTA

“A BUROCRACIA TEM QUE SER MENOS DOLOROSA”

**Renzo Colnago**

Diretor-presidente da Prodest

### Como fazer a travessia da máquina pública analógica para a era digital?

O diálogo será uma das principais ferramentas nos primeiros meses. Estamos mapeando boas iniciativas ao redor do mundo, pegando lições aprendidas e buscando especialistas para a criação de um plano de governo eletrônico com a cara do Espírito Santo.

### O excesso de burocracia pode ser um empecilho?

Para o estabelecimento de boas ferramentas digitais para o cidadão precisamos de rotinas bem desenhadas. Essas rotinas são particulares dos órgãos. Mas o papel da tecnologia é fazer com que a burocracia seja menos “dolorosa” para o cidadão.

### A relação entre agentes públicos e sociedade em ambiente digital é uma questão de cultura?

É o ponto crítico. Acompanho há algum tempo a temática e vemos cada vez mais que governo eletrônico não existe apenas para a melhor tecnologia, ou a informação facilitada, mas sim para o interesse do cidadão em “ser cidadão”. As informações têm que estar disponíveis e o cidadão tem que saber como acessar, como dialogar com elas.



era antes. Não por acaso, o governador pôs para comandar a Prodest (instituto que cuida do processamento de dados oficiais e da área de tecnologia) o jovem administrador Renzo Colnago, de 29 anos, advindo da iniciativa privada.

Especialista em negócios digitais, Renzo deverá ser o elo entre as secretarias e o desenvolvimento de tecnologias. O lema da inovação nunca foi tão presente nas reuniões do alto escalão governista. Não parece pouca tarefa, visto que, como um todo, a máquina pública transpira naftalina e as informações oficiais parecem longe de acompanhar o ritmo das demandas que surgem

—  
 “Vamos nos aproximar mais da experiência digital, naquilo que ela tem de melhor, que é a potencialidade de aprimorar a prestação de serviços públicos e promover diálogos”

—  
**PAULO HARTUNG (PMDB)**  
 GOVERNADOR

em tempos de internet.

O discurso parece feito sob medida para colocar o governo para produzir mais e de forma mais clara. Pode ser um sinal do reconhecimento de que o diálogo só por meio de memorandos e sinais difusos não é mais tolerável, ou tão somente o efeito colateral de uma campanha em que o ex-governador Renato Casagrande usou e abusou da força da internet e do discurso de ter comandado “o governo mais transparente do Brasil”.

